



SER JOVEM MOÇA, SER JOVEM RAPAZ – SOCIALIZAÇÃO E MODOS DE VIDA EM ÁREA RURAL NA BAHIA

Catarina Malheiros da Silva¹

Introdução

Considerando a centralidade dos espaços educativos e do grupo de amigos para a socialização de muitos jovens rurais brasileiros, este artigo se propõe a compreender e analisar os sentidos atribuídos à condição de ser jovem e os papéis de gênero desempenhados por moças e rapazes que vivem em área rural na Bahia.

O entendimento sobre a juventude rural supõe o reconhecimento da existência de espaços distintos - a exemplo da casa, da vizinhança e da cidade - onde os/as jovens vivenciam cotidianamente experiências individuais e coletivas. Sobre a importância da comunidade local para os jovens rurais, Brandão (1995, p.136) afirma que “quando há vizinhos por perto, parentes ou não, os grupos de idade alargam os limites da ordem familiar cotidiana e se constituem como os primeiros espaços extrafamiliares de convivência e socialização.” Nesses espaços, os jovens constroem relações com amigos, vivenciam o lazer, estabelecem relações com os meios de comunicação de massa, participam de manifestações culturais e religiosas, expressando um sentimento de pertencimento, tanto à comunidade como a grupos de jovens. Nesse sentido, as experiências cotidianas dos jovens dependem da intensidade e da riqueza da vida social existentes no meio rural (Wanderley Baudel, 2006).

O cotidiano visto sob o signo da regularidade, normatividade e repetitividade manifesta-se como um campo de ritualidades, sendo a rotina “um elemento básico das actividades sociais do dia a dia” (Pais, 2003b, p.28). A vida cotidiana é uma esfera da realidade constituída por fatos anônimos e transitórios, suscetível a mudanças e modificações. Ainda, para Pais, “torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir de seus *contextos vivenciais, quotidianos*, porque é quotidianamente, [...] isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de consciência, de pensamento, de percepção e acção” (Pais, 2003a, p.70). Daí a relevância da valorização do lugar social da juventude rural, com suas especificidades. Para Vieira (2006), contrariamente à idéia ainda vigente de que só restam no campo os mais velhos em algumas regiões

¹ Doutoranda no PPG em Educação-UnB/Membro do Grupo de Pesquisa Geraju-Educação e políticas públicas:gênero, raça/etnia e juventude. catems14@yahoo.com.br



do país o meio rural concentra uma parcela significativa de jovens homens e mulheres que constroem distintas trajetórias e formas de pensar e de vivenciar suas condições juvenis.

Pelos caminhos da pesquisa

A pesquisa que subsidia as discussões apresentadas no presente artigo foi realizada para elaboração de uma dissertação de mestrado na UnB, com jovens estudantes do Distrito rural Espreado, no município de Palmas de Monte Alto (BA). Buscou compreender e analisar o significado das experiências escolares para a formação de jovens que vivem no Sertão da Bahia, além de investigar suas vivências cotidianas e projetos de futuro. O critério de escolha está apontado no fato de que a oferta de Educação Básica constitui-se em fenômeno recente no Distrito, haja vista que as áreas rurais de pequenos municípios brasileiros tiveram um processo de escolarização tardio e sexista. Aspectos como a distância da sede do município, a densidade demográfica e as marcas de isolamento também motivaram a realização do estudo. O colégio no qual foram localizados os/as jovens é uma instituição de ensino fundamental de 1ª a 8ª série da rede pública do referido município que funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante e os grupos de discussão se constituíram como principais instrumentos de coleta de dados. Os grupos de discussão foram formados com jovens estudantes do sexo masculino e feminino, a partir do critério da amizade, ou seja, os próprios jovens determinavam quem participaria do grupo, com a presença de três a seis integrantes por grupo. Foram realizados um total de dez grupos de discussão com jovens oriundos do Distrito e fazendas vizinhas, alunos da 5ª a 8ª série, faixa etária de 12 a 18 anos, entre os meses de fevereiro e março de 2008.

Em seguida, deu-se início à análise dos dados empíricos. Inicialmente, realizou-se a transcrição e divisão temática dos grupos de discussão realizados com os jovens. Essa divisão compreende a identificação das passagens/subpassagens e da metáfora de foco. Embora todos trouxessem aspectos importantes para serem analisados, a escolha de grupos representativos para análise era necessária. Nesse sentido, foi feita a transcrição completa e codificada de três grupos, tendo o cuidado de preservar as marcas de oralidade dos entrevistados, na tentativa de garantir o reconhecimento do dialeto local e da densidade interativa presente nos grupos. Para a análise, foram escolhidos os grupos “Os/as jovens que vêm de longe” e “As meninas que sonham.” A escolha está apontada nas especificidades apresentadas pelos referidos grupos, tais como o local de moradia e as



representações de gênero. O processo de análise destes foi feito a partir do método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (Weller, 2002).

Considerando os limites do presente artigo serão apresentados a seguir alguns segmentos do eixo Ser jovem no meio rural, do grupo de discussão “As meninas que sonham”. No primeiro momento, faz-se uma breve apresentação do perfil das participantes do grupo. Em seguida, a análise do referido eixo que se propõe a entender os sentidos atribuídos pelas jovens aos modos de socialização instituídos para moças e rapazes, no meio rural.

Quem são As meninas que sonham

Daniela

Daniela tem 14 anos, religião católica, branca, natural da fazenda Angico, em Palmas de Monte Alto. Mora em Espraiado, há 12 anos, com os pais. Tem 5 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Angico, tem o ensino fundamental incompleto, é gari e ganha R\$70,00 por mês. Seu pai nasceu em Angico, tem ensino fundamental incompleto, trabalha em associação. Não informou a renda do pai. Daniela estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Wilson Lins, em Espraiado. Cursa a 8ª série e trabalha ajudando em casa, durante a semana. Seu lazer preferido é jogar baleado. Não participa de grupo ou associação.

Bruna

Bruna tem 14 anos, religião católica, negra, natural de Guanambi. Mora na fazenda Muquém com os pais, desde que nasceu. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Muquém, trabalha em casa e tem o ensino fundamental completo. Seu pai nasceu na fazenda Muquém, é agricultor e tem ensino fundamental completo. Não informou a renda dos pais. Bruna estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Wilson Lins, em Espraiado. No momento atual cursa a 8ª série. Seu lazer preferido é o futebol. Não participa de grupo ou associação.

Geane

Geane tem 12 anos, religião católica, branca, natural de Palmas de Monte Alto. Mora com os pais em Vesperina, desde que nasceu. Tem 1 irmã. Sua mãe é professora, tem ensino superior completo e Pós-graduação *lato sensu*. Seu pai é funcionário da limpeza geral e tem o ensino fundamental completo. Não soube informar a naturalidade dos pais. Também não informou a renda de ambos.



Estudou a 1ª série do Ensino fundamental no Colégio Municipal Marciano Antonio Batista, localizado em Vesperina e a 2ª, 3ª e 4ª séries na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. No momento, cursa a 8ª série. Seu lazer preferido é brincar. Não participa de grupo ou associação.

Juventude no meio rural – elaborações sobre o lugar de moças e rapazes

A condição de jovem moça no meio rural pode ser vivenciada de distintas formas, considerando que as conformações sócio-espaciais são pautadas por princípios e valores que regem aquele espaço. Na tentativa de compreender as experiências partilhadas pelas jovens, a entrevistadora propõe uma questão sobre os significados de ser jovem moça e morar no meio rural (Passagem Ser Jovem, linhas 287-309):

Y: Como é que é ser garota né ser moça ser jovem e morar onde vocês moram?

Df: pra mim é bom porque ser assim jovem isso tudo que ce falou garota moça é bom que (1) criança a gente não sabe de nada tudo que fala é da boca pra fora não sabe (1) gente sendo assim moça gente vai compreendendo mais as coisa vai vendo como é que as coisa funciona que né assim como gente pensa assim que é tudo facim não ((criança conversando na janela)) como eu tava dizendo é bom porque às vezes às vezes gente assim pensa assim de criança ah é é fácil eu vou lá e faço e tá bom ninguém vai me bater ninguém vai me matar eu falo isso e da boca pra fora todo mundo tá sabendo que criança não tem juízo e já vai ficando moça como nós estamos aqui nós vamos perceber nós vamo repender daquilo que nós falamo nós falamo aquilo da boca pra fora mas agora nós tamo vendo que as coisas não é assim facim que nem como nós pensava agora nós tamo vendo outras crianças falando nós reclamando e eles tão do mesmo jeito nós não pode nem reclamar porque nós também fazia do mesmo jeito

Gf: pra mim assim é ruim que eu não conheço nada da adolescência eu já tô chegando perto do ponto eu queria ficar sempre pra criança

Tds: ☺3☺

Gf: ☺4 queria ficar sempre criança não tinha que preocupar com nada ☺

Bf: pra mim é bom porque na adolescência eu mudei muito quando eu era criança era mais rebelde e tal aqui às vezes acontece coisas assim (1) eu faço

() mas eu sei eu tenho juízo eu sei o que eu faço já e e °gente adolescente gente tem mais consciência das coisas° é

Df: |conhecimento

Bf: é

Ser jovem moça é apontado como uma experiência positiva, dada a possibilidade de sair de uma condição de dependência e desconhecimento para uma condição de autonomia. As jovens falam sobre a transição da infância para a adolescência como momento importante, pois passam a ser vistas como responsáveis. A condição de criança que “não tem juízo”, que “tudo que fala é da boca pra fora”, é substituída pela postura responsável de quem “tem mais consciência das coisas”.

A referência positiva a essa transição não é compartilhada por Geane, que aponta a adolescência como momento ruim, desconhecido e novo, afirmação que provoca risos entre todas talvez pela recusa explícita de Geane em aceitar a transição. Apesar de reconhecer a ocorrência das mudanças biológicas em seu corpo, formula de maneira entusiasmada a possibilidade de continuar “sempre criança”, já que essa condição não está relacionada às preocupações.



Embora as jovens ressaltem o aspecto positivo da juventude, destacam a assunção de responsabilidades como aspecto que perpassa a condição de ser jovem. Para elas a experiência de ser jovem requer que tenham postura responsável frente às situações que lhes são colocadas, o que demonstra a existência de uma autoavaliação pautada em princípios rígidos de conduta. As jovens parecem conceber que esse momento se traduz em uma experiência marcada pela tensão, já que a “espreita” constante as acompanha, como fica expressa na exemplificação de Daniela: “já vai ficando moça (...) nós vamos percebendo, nós vamos repender daquilo que nós falamos”. Em outras palavras, os comportamentos assumidos são pensados a partir da sua condição como jovem ou criança. Um aspecto que fortalece essa tensão é a ambiguidade com que os adultos tratam os jovens. Existe uma imprecisão por parte daqueles que olham e percebem esses sujeitos. Assim, muitos jovens resistem às transições, haja vista as permanentes cobranças. Às vezes, é melhor permanecer criança, fugindo da maturidade e das obrigações.

As relações tecidas por rapazes e moças estão ancoradas em papéis sociais distintos durante o processo de socialização a que foram submetidos no meio rural. O entendimento das diferenças entre a vida das moças e a vida dos rapazes é necessário para saber como as relações entre estes são estabelecidas (Ser jovem moça e ser jovem rapaz, linhas 310-348):

- Y: Vocês acham que tem diferença é (2) da vida das moças pra vida dos rapazes vocês acham que é diferente?
Gf: eu acho que ser rapaz é mais melhor (2) eu acho né se bem que eu não sou um
Df: é eu também apesar de eu também não ser um rapaz eu desejaria ser porque acho que é melhor porque as as moças assim (1) como diga mulher tudo=tudo que que faz ta na na boca do povo faz uma coisa hoje amanhã já tá na boca do povo e rapaz não tudo que rapaz faz nada cai nele nada assenta nele (2) tudo só assenta nas costas das moças
Gf: fala que as muié é isso que as muié é aquilo
Df: é que que tava com com não sei quem ontem que hoje já tá com não sei quem (1) e às vezes às vezes assim a maioria dos povo fala fala as coisa assim que nem sabe não vê só só ouviu uma pessoa falar lá mentiu ouviu a pessoa mentiu pronto já já começou a espalhar
Bf: e pra mim ser rapaz é (.) melhor e ruim porque tem os rapaz de hoje não todos mas alguns não não pensam mais em respeitar as moças não não tem responsabilidade e só quer (1) só quer bagunçar não quer (1) ter respeito não quer ter assim (2) responsabilidade em (1) na- por exemplo namorar uma moça em ficar com uma pessoa isso
Df: respeitar
Bf: é
Df: a maioria dos dos rapazes hoje não tá pensando mais assim em paz ficar assim com uma pessoa assim se direito e ficar com uma pessoa direita né assim um rapaz ser direito e ficar com uma moça assim que não respeita ele que hoje tá com ele amanhã tá com outro e depois já tá com outro e vai (2) vai seguindo e a maioria dos rapaz hoje só pensa assim na violência em matar em roubar em bater em a maio- nem todas a maioria das moças só pensa nisso é é (2) passa no jornal a maioria das moças assim adolescentes de 13 anos 10 anos tá 10 anos uma criança é (1) dando luz a uma outra criança
Gf: se prostituindo
Df: é prostitu- prostituindo
(3)
Bf: e deveria ser mais diferente com as moças soubesse respeitar os rapaz os rapaz respeitar a moça e tudo viver em correta
Df: mas às vezes também
Bf: correta forma



Df: mas às vezes as moças respeita os rapaz enquanto a enquanto que tem moça assim que tá namorando o rapaz e não gosta assim de sair pra rua para não dar lugar os povo falar enquanto a moça tá lá em casa pensando o que vai fazer rapaz ta aqui na rua com outra colocando dois pares de chifre ☺ 3 ☺ ☺

Bf: é

Bf: acho que só né ☺ 2 ☺

Df: pra mim é só e você Geane ☺

As elaborações sobre a vida de moças e rapazes na comunidade giram em torno da positividade da condição de vida dos rapazes apontada pelas jovens. A atribuição desse significado à condição de ser rapaz é motivada pelo lugar ocupado por moças e rapazes na localidade, especialmente nos espaços públicos de socialização. As jovens são cerceadas pelo controle não só do núcleo familiar como também da comunidade que institui tratamento distinto para homens e mulheres conforme a conveniência que rege a vida local.

O padrão de moralidade que pune as mulheres com a execração pública “tudo que faz tá na boca do povo” é o mesmo que eleva os homens com a liberação de sua conduta, tal como expressa Daniela: “rapaz não, tudo que rapaz faz nada cai nele, nada assenta nele”. Estas diferenciações parecem indignar as jovens, que mostram-se resistentes em aceitar as imposições de um modelo que as oprime. Esse padrão encontra ancoragem nas manifestações de controle e vigília presentes nos espaços de circulação social. As interações estabelecidas entre moças e rapazes são observadas e julgadas conforme o sexo. Ocorre que nem sempre as observações realizadas em espaços frequentados pelas jovens primam pela veracidade dos fatos. Então, a fofoca que se “espalha” na comunidade surge como mecanismo que reforça a exposição sofrida pelas moças: “tudo só assenta nas costas das moças”.

Essa prática que se incumbe de depreciar, sobretudo aqueles historicamente discriminados como mulheres, bêbados, moradores de rua, mantém o funcionamento da vida comunitária. A ação de espalhar é garantida pelo falatório que se instala nas esquinas, portas de bares e comércios. É essa exposição “maldita” que acompanha e coíbe os passos das jovens moças no Distrito, ainda que muitos “fala as coisa assim que nem sabe”.

Embora avaliem positivamente a condição dos rapazes, as jovens também apontam os aspectos negativos presentes no comportamento destes. Afirmam que a maioria dos rapazes protagonizam cenas de violência sobretudo contra a mulher, além de desrespeitar e bagunçar. Essa referência pode estar relacionada a uma imagem negativa do distrito,² no que se refere ao comportamento dos jovens rapazes. A exposição a situações de violência é apontada como uma escolha dos rapazes, que se recusam a ficar em paz. Essas manifestações estão associadas à

² As ocorrências de cenas de violência envolvendo jovens há tempos atrás favoreceu a construção da imagem do distrito no município como lugar violento.



violência mais geral que atinge sobretudo os jovens homens, em razão do esfacelamento social que segrega e os expõe a condições desiguais, especialmente no que se refere ao usufruto das benesses culturais. Destacam ainda a importância de um relacionamento afetivo, em que o respeito e o cuidado com a relação seja papel do homem e da mulher, para que possam “viver em correta forma”. No entanto, o modelo que inicialmente parece ser questionado, aparece na fala das jovens como ideal a ser mantido.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa desenvolvida apontam a tensão experienciada pelo Grupo “As meninas que sonham”, que mostra-se resistente ao modelo de comportamento instituído para moças e rapazes no meio rural. As jovens mostram-se indignadas com a forma como são vistas e tratadas na comunidade, especialmente porque tudo “só assenta nas costas das moças,” enquanto que para os rapazes “nada cai nele [s], nada assenta nele [s]”. Essa observação se traduz em denúncia de uma socialização de rapazes e moças distinta e eficiente, que está aportada num padrão de conduta rígido e moralista para com o sexo feminino. Tal abordagem sugere o desenvolvimento de estudos que se destinem a investigar o processo de socialização de moças e rapazes em distintos contextos do meio rural brasileiro, considerando as dimensões de trabalho, educação, pertencimento étnico e classe.

Bibliografia

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A partilha da vida*. São Paulo: GEIC/Cabral, 1995.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana – enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003b.
- _____. *Culturas juvenis*. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003a.
- STROPASOLAS, Valmir L. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- VEIGA, José Eli da. *Cidades imaginárias – o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- VIEIRA, Rosângela Steffen. Tem jovem no campo! Tem jovem homem, tem jovem mulher. In: WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (orgs). *Margarida Alves – coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA, IICA, 2006. p.195-214.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (coord). *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife, 2006. Relatório de Pesquisa.
- WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*. Porto Alegre, n.13, Jan./Abr. 2005, p.260-300.



_____ et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: Uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado* (Dossiê Temático: Inovações no campo da metodologia das ciências sociais). Brasília: Vol.XVII, n.2, p.375-396, Jul./Dez. 2002.